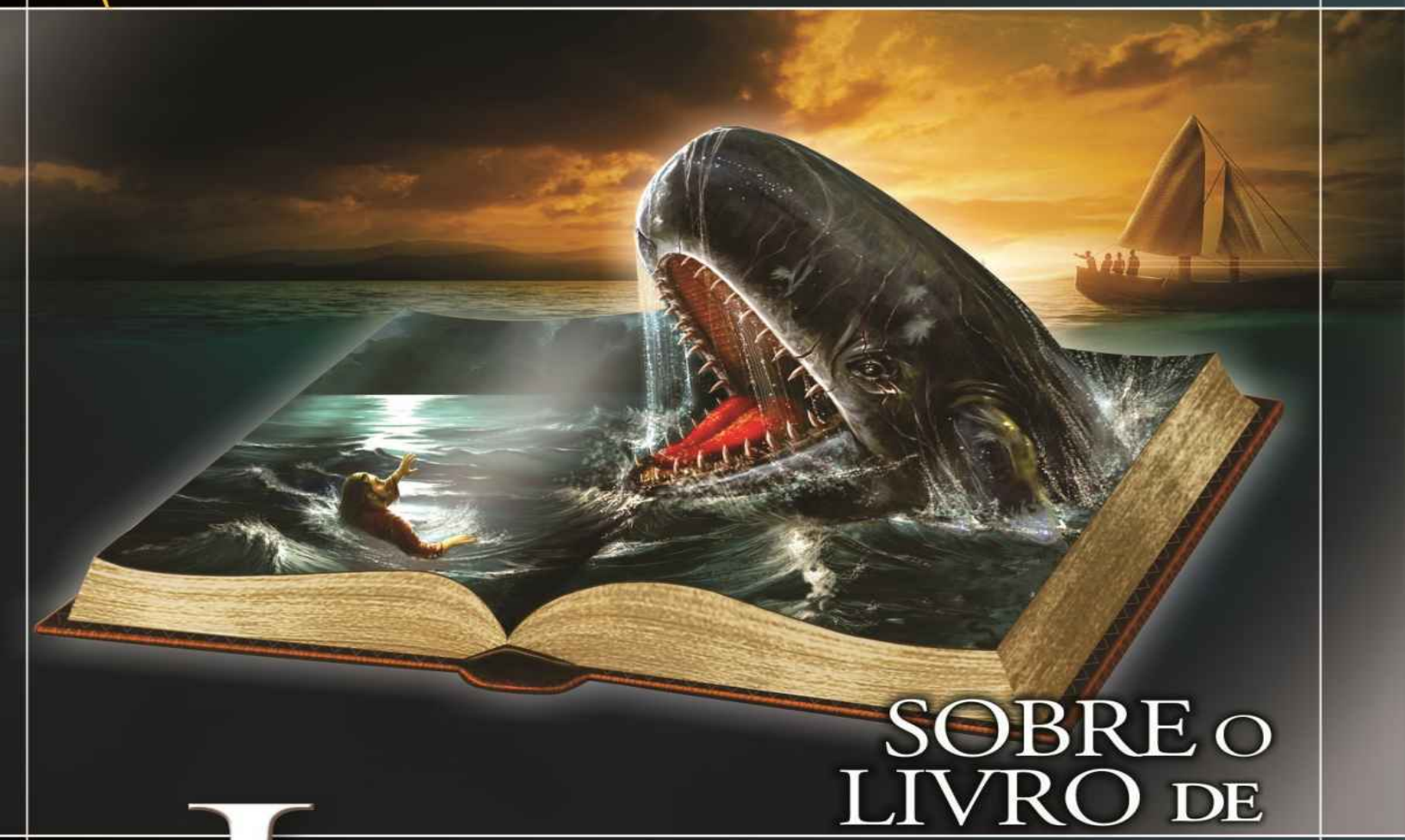
Henri Rossier

Estudos



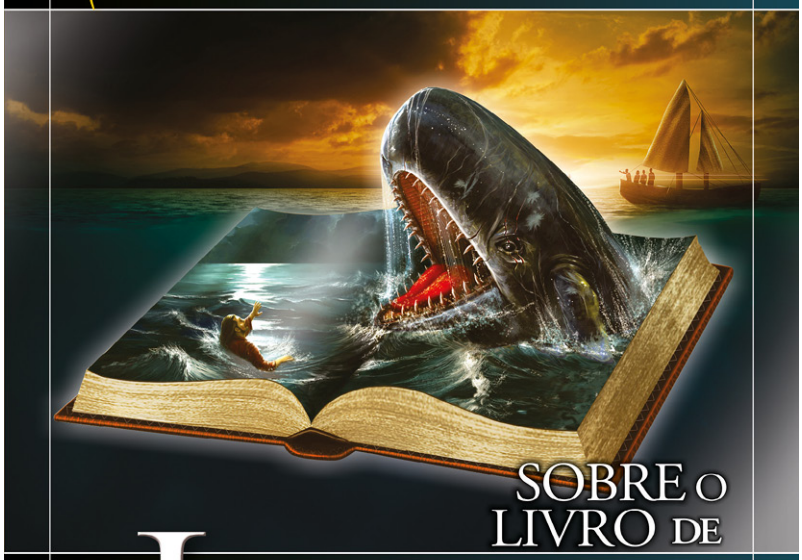
SOBRE O LIVRO DE

JONAS

DLC

Henri Rossier

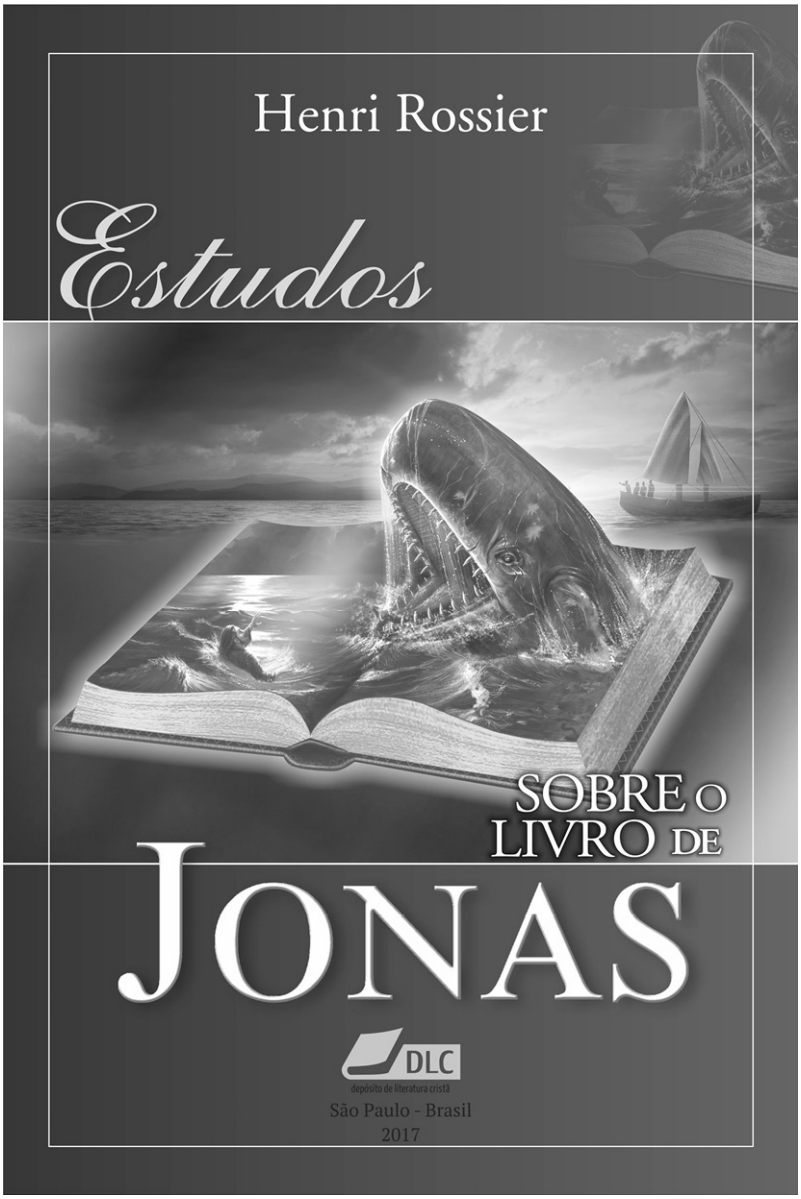
Estudos



SOBRE O LIVRO DE

JONAS

DLC



Todas as citações bíblicas contidas nesta obra são da versão de Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, a menos que outra seja, especificamente, mencionada.

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, sejam eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravação, ou por meio de qualquer sistema de recuperação de dados sem a permissão escrita dos editores.

Copyright © 2017 - Todos os direitos reservados por:

Depósito de Literatura Cristã

“Estudos sobre o Livro de Jonas”

Capa + Projeto Gráfico / Diagramação

Liliana Ester Dinella

Tradução
Dr. Martins do Vale
Revisão
Bernd Bremicker
Impressão e Acabamento
Imprensa da Fé, São Paulo - SP, Brasil
Traduzido do original “Le Livre du profete Jonas”
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
ROSSIER, Henri
Estudos sobre o Livre de Jonas / H. Rossier; São Paulo-SP: Depósito de Literatura Cristã, 2017. 48p. ; 14 x 21 cm.
ISBN: 978-85-9579-005-6
1. Comentário Bíblico. 2. Teologia. 3. Escatologia
CDD 230
1ª Edição - Setembro 2017
www.boasemente.com.br
Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 - São Paulo - SP BRASIL
depósito de literatura cristã

Estudos SOBRE O LIVRO DE JONAS

ÍNDICE

Introdução7
Jonas - uma testemunha9
Jonas - o profeta17
Jonas e as nações23
Jonas e o povo de Israel29
Jonas e o remanescente33
Jonas - figura de Cristo39
Deus no Livro de Jonas43
Notas explicativas47

Lembramos ao leitor ser conveniente acompanhar a leitura deste estudo com o texto correspondente na Bíblia. Recomendamos que estude sempre em espírito de oração, pois só com a ajuda do Espírito Santo será possível alcançar uma compreensão verdadeira do que está escrito na Palavra de Deus.

INTRODUÇÃO

O livro do profeta Jonas não contém profecia propriamente dita, ou antes, contém somente uma, que não foi cumprida no momento, por causa do arrependimento dos habitantes de Nínive. Cem anos mais tarde, um outro profeta, Naum, pronunciou de novo o juízo outrora suspenso sobre essa grande cidade — juízo esse que não foi executado senão cerca de um século depois. Aliás, não é na sentença de Nínive que devemos procurar o ensinamento principal do Livro de Jonas.

O que ele nos apresenta, desde o princípio ao fim, é a própria pessoa do profeta. Essa circunstância, aliada ao fato notável de o Livro de Jonas nos falar dos caminhos de Deus *em graça* para com os gentios, marca-lhe em 1ugar único entre os profetas do Antigo Testamento. Quanto a Jonas, poder-se-á dizer que é ele mesmo a profecia em ação. Ele como pessoa serve de *sinal* ou *símbolo*, e também deve ser visto *tipologicamente*. Logo de início, vemos nele a imagem do seu próprio povo rejeitado, mergulhado na angústia, saindo depois ressuscitado das profundezas do abismo.

Porém, a sua história não se limita somente a isso. Na pessoa de Jonas, tendo como pano de fundo os gentios, sucessiva e frequentemente se fundem, perante o nosso olhar, a testemunha que se afastou de Deus, o profeta orgulhoso, o povo culpado e o remanescente futuro arrependido. Além disso, em personagem misterioso, um maior que Jonas, se vê também e esse sai ressuscitado para a libertação do povo de Deus. Enfim, como ponto culminante desse maravilhoso relato, encontramos uma revelação do próprio Deus. Aprendemos a conhecer a Sua providência, a Sua santidade, a Sua justiça em juízo, a Sua grande paciência, a Sua graça ilimitada, numa palavra, todos os Seus caminhos para com o homem, para com Israel e para com as nações.

O que acabamos de dizer, explica a nossa divisão do texto em sete tópicos intitulados: Jonas – uma Testemunha, Jonas – o Profeta, Jonas e as Nações, Jonas e o Povo de Israel, Jonas e o remanescente, Jonas – figura de Cristo, Deus no Livro de Jonas.

Entre o homem pecador, em consequência da sua desobediência a Deus, e o homem santo, santificado pela fé no Salvador Jesus e em virtude da redenção consumada na cruz do Calvário, há uma diferença enorme.

Adão, inocente e responsável, antes da queda, de permanecer na dependência de Deus, continua responsável depois de ter perdido a sua inocência e a sua dependência, mas, como pecador, adquiriu o conhecimento do bem e do mal, quer dizer, uma consciência que o julga. Esta consciência torna-o indesculpável e condena-o. Ele conhece agora o bem e o mal, mas — pobre dele! — não lhe resta, como homem pecador e responsável, senão a incapacidade absoluta de fazer o bem e a vontade de fazer o mal.

Mui diferente é o crente, o homem santificado, *a testemunha de Deus* nesse mundo. Embora tenha a carne nele, a natureza pecadora do primeiro Adão, recebeu já, pela fé, uma nova natureza — a vida divina, o Espírito de Deus, o poder dessa vida e a capacidade de fazer o bem e de resistir ao mal. Isso, porém, torna-o, sem dúvida, duplamente responsável. A sua consciência adverte-o do bem e do mal. Tem, portanto, duas alternativas: ou a) obedece à direção do Espírito Santo e da vida nova que possui, ou b) obedece aos desejos da carne de que é formado. Portanto, se é duplamente responsável, é também duplamente indesculpável ao pecar, porque o poder do Espírito e do novo homem que está à sua disposição é mil vezes superior ao da carne e do velho homem.

As consequências do pecado são diferentes para o homem pecador que anda *na* carne, ou para o crente, se anda *segundo a* carne, visto que possui o poder de andar segundo o Espírito. O pecador não pode esperar senão a morte e o juízo. O santo, se peca, encontra o castigo ou a disciplina de Deus, que se exerce para com ele e para com todos os crentes, afim de que não sejam “condenados com o mundo” (1 Co 11:32).

Foi esse o caso de Jonas. Ele era um crente, um santo. Tinha a vida de Deus. Estava em relação com Deus. Tinha-lhe sido confiado um testemunho. Porém, colocado perante um mandamento de Deus, deixa-se desviar dele pela vontade da carne, que está em

inimizade com Deus. Embora seja um crente e uma testemunha, não procede melhor do que Adão, que, enganado por Satanás, desobedece a um mandamento formal de Deus. O seu caso é mesmo pior que o de Adão em sua inocência, seduzido pelo Diabo, porque, pela fé, já possui uma nova natureza, capaz de escolher o bem e de repelir o mal e a sedução.

Adão desobedece a Deus e ousa desculpar-se dessa desobediência (Gn 3:12). Jonas desobedece a Deus e tem a audácia de Lhe apresentar o motivo para tal (Jn 4:2)! Contudo, nenhuma desculpa, nenhum motivo é válido perante Deus, para Lhe desobedecer. E o suposto motivo de um santo bem menos ainda do que o do primeiro Adão, porque, desde o começo da sua vida espiritual, um santo possui a *obediência da fé* pela qual é salvo (Rm 1:5). Desde o primeiro passo da sua carreira ele é santificado pelo Espírito Santo, para a obediência de Jesus Cristo, ou seja, para obedecer como Ele obedeceu.

Para Jonas, como para Adão, a primeira consequência da desobediência é a mesma: Adão evita a presença de Deus, que o procura, e esconde-se atrás das árvores do jardim; Jonas dispõe-se para fugir da presença do SENHOR para Társis (Jn 1:3). Qual desses dois atos é pior do que o outro? Com toda a certeza o segundo, porque Jonas é um santo que tem relações habituais e íntimas com Deus. Evitar o seu melhor amigo, afim de fugir da obrigação de responder ao Seu desejo — que ultraje um semelhante ato inflige àquele que nos ama, não é?!

Mas ali, onde Adão ou Jonas fracassaram, um Homem se mantém e permanece de pé, um Homem que nem sequer tinha necessidade de receber uma ordem positiva para obedecer, já que guardava todos os mandamentos de Seu Pai (Jo 15:10). Era um Homem que predispunha a Sua vontade, sem que Deus lho ordenasse. “Eis aqui venho” — diz Ele, “para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10:7). Contudo, isso é mais do que uma simples obediência! É uma vontade que se funde e se absorve na vontade de outrem e se identifica com ela e dela se alimenta. “A minha comida” — diz Ele, “é fazer a vontade daquele que me enviou e de realizar a sua obra” (Jo 4:34).

A segunda consequência da desobediência de Adão não se faz esperar. Quer ele o queira quer não, tem de comparecer, na sua nudez, perante Aquele de Quem fugia, e ouvi-Lo pronunciar a sua sentença. Essa é irrevogável, mas, apesar de tudo, a graça pode remediá-la. Adão comparece perante Deus *antes* de a sentença ser executada — e isso salva-o. Encontra recursos em Deus, que tem vestidos de justiça para ele e para sua mulher. Jonas, pela sua falta, atrai sobre si *um castigo infinitamente mais penoso que o do primeiro Adão*. E necessário, pois, que os filhos de Deus se recordem deste fato, o avaliem em toda a sua dimensão, e o meditem. Sigamos pois, por um instante, esse homem de Deus na sua viagem a Társis, onde faz tão cruéis experiências: Ei-lo pagando o preço da sua passagem (veja Jn 1:3), saldando os seus deveres para com os homens, enquanto faltava ao seu primeiro dever para com Deus! Notemos que o cumprimento desses deveres tem como resultado aumentar ainda mais a distância que separa Jonas de Deus. E assim acontece frequentemente conosco: pagamos “a nossa passagem”, mesmo estando animados de um espírito de revolta, e, para não faltarmos ao cumprimento de certas obrigações mundanas, negligenciamos uma obrigação muito superior — a de obedecer a Deus. Obedecemos a deveres de família e de sociedade, de cidade e de nação, aliás respeitáveis; pagamos as nossas dívidas para com o mundo e desobedecemos à ordem formal de Deus. Ora, essa ordem é de Lhe *dar testemunho*. Jonas era chamado para ser a testemunha de Deus perante o mundo. Um testemunho para Cristo é, com efeito, o que Deus procura no meio de um mundo de pecado e de afastamento dEle, de um mundo que se apressa para o juízo final. Esse é um dos pontos fundamentais do livro de Jonas. O mundo está condenado, mas, antes da execução da sentença, Deus quer que os Seus rendam testemunho à Sua justiça, afim de que produza arrependimento nos corações e que Ele possa operar em graça.

Em tempos remotos Deus tinha confiado esse testemunho a Israel, Seu povo. Todavia, o povo torna-se desobediente e Deus coloca-o agora nas mãos da Igreja. Mas a Igreja abandona a verdade e degenera numa cristandade apóstata — assunto que, de resto, o Antigo Testamento não trata. Por fim, um remanescente

judeu torna-se a fiel testemunha futura de Deus junto dos gentios — o que, no passado nem o povo, nem os seus condutores jamais haviam sido. O livro de Jonas fala-nos desse remanescente, de uma maneira misteriosa, como veremos mais adiante.

Voltemos agora a Jonas, como representando os santos, testemunhas de Deus nesse mundo. Para que a sua desobediência não conduza, como a do homem pecador, ao juízo final, é preciso que ele seja detido no caminho que o afasta cada vez mais de Deus. A Sagrada Escritura diz-nos: “Mas o SENHOR mandou ao mar um grande vento, e fez se no mar uma forte tempestade, e o navio estava a ponto de quebrar se” (Jn 1:4). Isto ainda não é senão o começo do castigo de Deus sobre o Seu servo, mas esse castigo inaugura, como veremos mais à frente, os Seus caminhos de graça para com as nações. Ora, durante a tempestade, Jonas, deitado no porão do navio, “dormia um profundo sono” (Jn 1:5).

Frequentemente, as circunstâncias mais ameaçadoras não atingem a consciência dos filhos de Deus. Nem a tempestade nem a angústia dos marinheiros perturbaram a Jonas! Ele não se apercebe de que atravessa pessoalmente o juízo de Deus, que ele ofendeu, e não está atemorizado. É a indiferença de uma consciência adormecida. Trata-se aqui do homem pecador e do seu estado moral: dorme sempre! Filho das trevas e da noite, ele dorme sempre (1 Ts 5:4 e 7)! Mas, que um Jonas, um filho de luz, durma, é muito mais grave — e, infelizmente, quantas vezes isso acontece.

Os discípulos dormiam perante os *sofrimentos* do seu Salvador no Getsêmani; dormiam perante a Sua *glória* sobre o santo monte — um Jonas dorme perante o *juízo* que se abate sobre o mundo, sem se aperceber que esse julgamento lhe é destinado.

Muitíssimas vezes, depois de uma guerra atroz ter devastado as nações, interrogamo-nos se aos santos teria ocorrido o pensamento de que essa tempestade lhes era particularmente destinada.

Sem dúvida, Deus, que é rico em recursos, serve-se por vezes, como veremos, de uma calamidade para atingir outros fins e cumprir outros desígnios; mas não esqueçamos que, no caso de Jonas, o primeiro objetivo era falar à consciência do servo de Deus.

Não raro, para nossa vergonha e nossa confusão, é necessário que seja o mundo a despertar-nos: “Que tens, dorminhoco? Levanta-te, clama ao teu Deus; talvez assim esse Deus se lembre de nós para que não pereçamos” — diz o mestre do navio (Jn 1:6). Vós, servos de Deus, diz ele, vós não pensais naqueles que perecem. Estais assim entorpecidos do vosso egoísmo? Nós trabalhamos, esforçamo-nos, sacrificamos todos os nossos bens; todo o nosso carregamento se afunda nesta tormenta. E vós? Que fazeis vós? Orais, suplicais ao vosso Deus? Nós, pelo menos, clamamos cada um ao seu deus!…

Não é verdade que o mundo está, muitas vezes, no direito de apostrofar assim os filhos de Deus, por eles não terem compreendido que esse juízo está sobre eles?

Deus busca a Jonas, a testemunha, como outrora buscava a Adão, o pecador. O “mestre do navio” é a voz de Deus que dizia naquele tempo a Adão: “Onde estás?” Mas aqui (uma primeira humilhação para Jonas) o mundo é o instrumento pelo qual Deus lhe recorda que ele está perdido. Deus respondeu àqueles seres ignorantes, mas sinceros, sem conhecimento do Deus ao qual se dirigiam, revelando-lhes, *pelas sortes*, que aquele caso dizia respeito apenas à Sua testemunha.

A segunda humilhação para Jonas: Ele não recebe, ele, judeu, nenhuma comunicação direta de Deus. Pior ainda (e a última humilhação para Jonas), é o mundo dizendo a Jonas: “Por que fizeste tu isto?” (Jn 1:10). Outrora Deus tinha dito o mesmo a Eva: “Por que fizeste isto?” (Gn 3:13). O mundo torna-se assim o juiz dos atos de uma testemunha de Deus: Como?! Tu próprio confessavas que temes “ao SENHOR, o Deus do céu, que fez o mar e a terra” (Jn 1:9), e fugias de diante dEle?! Que tremenda loucura! A consciência desses pagãos é mais reta, menos entorpecida que a de Jonas! Por fim, porém, ela é atingida. Jonas reconhece a plena justiça do juízo de Deus: “Levantai-me, e lançai-me ao mar” (Jn 1:12). Ele sabe que merece ser lançado no abismo e francamente o declara. Haverá salvação para vós, diz ele aos marinheiros, mas eu mereci perder a vida. Ele recebe, como Adão, a sentença de morte, mas, para Jonas, essa é executada *no próprio momento*. E o mesmo se dá conosco: “Eu estou morto”. “Eu me considero morto”. “Eu estou

crucificado com Cristo". Sim, o meu julgamento é justo e disso presto testemunho, mas encontro Cristo no fundo das ondas, identificando-se comigo no julgamento, para me livrar!

Deus intervém, de fato — e como o não faria?! Um outro, semelhante a Jonas, tomou o seu lugar nas entranhas do peixe. E é lá que, sob a disciplina e na maior aflição, a testemunha culpada reencontra a dependência que tão loucamente havia perdido: *Ele ora* (Jn 2:2). Nunca ele teria ousado desobedecer, se, pela oração, tivesse permanecido na dependência do SENHOR. O abandono dessa dependência se vê também no primeiro Adão. Aqui, a testemunha de Deus deve reaprendê-la como se fosse uma coisa inteiramente nova. E a esta restauração Deus não pode responder senão pela libertação. Jonas reconhece enfim que esta bênção é devida *unicamente à graça* de Deus: "Do SENHOR vem a salvação" (Jn 2:9). É dela que fala Eliú no livro de Jó: "Olhará para os homens, e se algum disser: Pequei, e perverti o direito, o que de nada me aproveitou. "*Porém Deus livrou a minha alma de ir para a cova, e a minha vida verá a luz*" (Jó 33:27-28). Tal é, portanto, o fruto da disciplina para a testemunha do Senhor: julgamento completo de si próprio e conhecimento mais profundo da graça. Doravante, Jonas não fugirá mais para se escapar de Deus.

JONAS O PROFETA

Antes de receber a ordem de se dirigir a Nínive, Jonas tinha sido encarregado de uma missão profética para Israel. Este acontecimento tivera lugar no reinado de Jeroboão II, ou pouco tempo antes desse rei subir ao trono. Em 2 Reis 14:25 é dito que Jeroboão "restituiu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate, até ao mar da planície; conforme a palavra do SENHOR Deus de Israel, a qual falara pelo ministério de seu servo Jonas, filho do profeta Amitai, o qual era de Gate-Hefer". Oseias, Amós e Jonas também, sem dúvida, conheciam o triste estado das dez tribos e da realeza em Israel. Com que indignação os dois primeiros não assinalam os pecados deste povo e dos seus condutores ao anunciarem o juízo que esperava uns e outros! Não obstante, "viu o SENHOR que a miséria de Israel era muito amarga, e que nem havia escravo, nem absolvido, nem quem ajudasse a Israel. E ainda não falara o SENHOR em apagar o nome de Israel de debaixo do céu; porém os livrou por meio de Jeroboão, filho de Jeoás" (2 Rs 14:26-27). E no capítulo 13 do mesmo livro de Reis, no versículo 5, lemos: "O SENHOR deu um salvador a Israel, e saíram de sob as mãos dos sírios; e os filhos de Israel habitaram nas suas tendas, como no passado". Portanto, enquanto os outros profetas anunciam os juízos de Deus sobre Israel, Jonas foi chamado para anunciar uma libertação momentânea por um salvador suscitado para tal fim (independentemente, aliás, do seu caráter).

A fronteira de Israel foi restabelecida. Hamate, barreira principal contra os inimigos vindos do Norte, foi retomada. Jonas tinha sido escolhido para proclamar essas misericórdias de Deus, nos dias em que Israel gemia sob o jugo terrível do rei da Síria. Um profeta, anunciando apenas a libertação, era um fenômeno, senão único, pelo menos extremamente raro em Israel. Quando foi enviado a Nínive, Jonas conhecia, portanto, o SENHOR — e ele assim o expressa mais tarde — como "um Deus compassivo e misericordioso, longânimo e grande em benignidade, e que se arrepende do mal" (Jn 4:2).

Quando se tratava de Israel, Jonas não tinha hesitado em anunciar a libertação do seu povo. O seu coração alegrava-se e o seu patriotismo encontrava ali plena satisfação. Contudo, no seu

orgulho espiritual, não podia aceitar uma missão única e especial para com os gentios, como tinha sido anteriormente a sua missão em Israel. Ainda poderia admiti-la, se ele estivesse certo de que a ameaça da destruição de Nínive se consumaria, mas ele tinha já experimentado o caráter misericordioso do SENHOR, tal como se havia revelado outrora a Moisés: "O SENHOR, O SENHOR Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado" (Êx 34:6-7). Jonas estava pronto a reconhecer um ato de graça, moderado, aliás, pela Lei, para com a sua nação, mas não poderia aceitá-lo, quando se tratava de *nações idólatras*. Deus não lhes tinha dado o dom da Lei. Como admitir, pois, que a graça lhes fosse livremente outorgada?

Mas outro motivo, e talvez o mais importante, impelia o profeta a desobedecer. Jonas pensava apenas em *si próprio*. Verifica-se isso mesmo em toda a sua conduta, nos capítulos 3 e 4. Ele ia clamar a Nínive: "Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida". Mas, se aquilo não acontecesse? Se Deus se arrependesse da Sua ameaça? Que viria a ser do seu caráter de profeta? A misericórdia de Deus seria o desmoronamento da sua autoridade e da sua dignidade. Nem por um momento ocorre ao pensamento de Jonas que Nínive se possa arrepender e alterar o curso dos caminhos de Deus a seu respeito!

Outros profetas, e mais tarde o maior de todos, João Batista, preparam o juízo e o arrependimento, mas Jonas nem sequer ambicionava semelhante missão. O que ele queria era salvaguardar o *seu* caráter, a *sua* dignidade, a *sua* autoridade de profeta. O que viriam a ser todos os seus atributos, se o que ele tinha anunciado não se cumprisse? Quando tinha proclamado antecipadamente a retomada de Hamate, a sua palavra tinha-o acreditado aos olhos do seu povo. E ele queria agora que o anúncio do julgamento de Nínive o acreditasse também aos olhos das nações! Bem triste coisa é o egoísmo do homem, mas mais triste ainda o egoísmo de um profeta.

Por isso é que Jonas foge — e sofre o castigo desse ato de desobediência. E, sejam quais forem os motivos invocados, quantas vocações cristãs não terão se tornado estéreis pela própria vontade

dos servos de Deus? Deus quer enviar-me a Nínive; eu prefiro ir a Társis na Espanha!

Nos nossos dias, isso entrou de tal modo nos costumes dos discípulos do SENHOR, que acham uma tal desobediência muito natural. Embarcar no navio que os afasta de Deus e fazem pior do que Jonas, porque enfeitam essa desobediência com o nome de missão divina e de obediência à direção do Espírito Santo!

Jonas, em certo sentido, era menos culpado do que esses dos quais falamos, porque não receava declarar que fugia de diante da face de Deus (Jn 1:10). Todavia, noutro sentido, ele seria mais culpado do que eles, porque *sabia* que, fugindo, fazia a sua própria vontade.

Entre alguns servos de Deus isso dá-se, sim, e muitas vezes, mas por lamentável ignorância. Por isso a disciplina lhes será perdoada, ao passo que "o servo que *soube* a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites" (Lc 12:47). Pudessem os servos ou evangelistas, que ignoram o que é, realmente, uma chamada de Deus, ser verdadeiros perante Ele, e não tranquilizarem a sua consciência dando o nome de obediência ao que é precisamente o contrário!

No final do capítulo 2, Jonas parecia ter aprendido, como *testemunha*, a sua lição sob a disciplina, porque o peixe o tinha vomitado em terra seca, e o antigo Jonas, por infelicidade, tão parecido com o antigo Adão, tornara-se, em figura, um Jonas ressuscitado. Mas, como *profeta*, está longe de ter aprendido toda a sua lição — lição, como parece, segundo este relato, bem difícil de aprender. Ele tinha, sem dúvida, achado, sob o castigo, que era duro recalcitrar contra os aguilhões e que, custasse o que custasse, *era preciso obedecer*. Por isso, a partir da segunda intimação, não recusou fazer o que Deus lhe mandava: "E levantou-se Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do SENHOR" (Jn 3:3). Mas como e em que espírito obedeceu ele? Como um Judeu obedecia sob a Lei, num espírito de orgulho nacional e de justiça própria, com o pensamento de que Deus de *deve* julgar as nações, "separadas da comunidade de Israel, e estranhas às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Ef 2:12). Jonas deverá

aprender que a última palavra de um profeta não é o juízo. Por muito certo que esteja, resta ainda a esperança, enquanto a sentença não é executada. Deus tinha dito: “Ainda quarenta dias”. Porém, em tempos passados, não tinha sido preciso nada mais para que o juízo fosse afastado, em virtude da intercessão de um Moisés (Êx 34:28; 24:18); nem, posteriormente, para que todas as astúcias de Satanás fossem frustradas, em virtude da obediência de Cristo (Lc 4:2). A *última palavra* da profecia é a *graça* e a *glória*, e eis aquilo de que Jonas de modo nenhum suspeitava! O seu coração era friamente legal, orgulhoso, duro, e comprazia-se com o julgamento. Ele, a quem esse mesmo julgamento acabava de atingir, deveria ter conhecido a graça, não somente por a ter anunciado anteriormente, mas por ter sido ele mesmo objeto dela. Por conseguinte, o que é a dureza do coração do homem, quando se vê bater esse mesmo coração sob a roupagem de um profeta? Ah! como é humilhante de pensar que a nossa lição é tão difícil de aprender!

A profecia de Jonas produziu um efeito considerável sobre a consciência das pessoas de Nínive. O propósito de Deus estava alcançado, porque, se Ele faz conhecer os Seus juízos, é para que as almas se convertam e voltem para Ele. Então o coração do Deus da Graça pode revelar-se. Mas, quando a graça é proclamada, o orgulho e a própria justiça do profeta dão lugar a uma irritação mal contida. É o que, de fato, tem sempre caracterizado os judeus. Irritam-se ao verem a salvação anunciada aos gentios, e não podem suportar de serem colocados na mesma posição que os outros, sob o julgamento. Jonas faz pensar no irmão mais velho do filho pródigo, encolerizando-se contra seu pai e recusando entrar em casa, por o seu irmão ser um objeto de graça e um motivo de alegria. Como o pai da parábola, Deus repreende Jonas, — e com que paciência! —, mas abandona-o finalmente à sua obstinação na cabana que ele fez para si próprio, privado do seu *kikayon*[1] e sob o ardor do sol. *A história finda ali*, mas se nós nada sabemos acerca da mudança que se operou no coração do profeta, sabemos que a graça de Deus não mudou até ao dia de hoje para com as nações — e disso somos felizes testemunhas!

A primeira parte da história de Jonas mostra haver no coração do profeta mais graça do que a segunda. Assim acontece muitas vezes na carreira dos servos de Deus. A medida que aumenta a sua legítima importância, a sua própria satisfação cresce também e termina num desacordo com os pensamentos de Deus, que se tornam impróprios para os seus mesquinhos interesses. Por isso, quantos de entre eles não serão deixados lá, como Jonas, com uma carreira destruída, por terem preferido satisfazer os seus próprios desejos, em vez de progredirem no conhecimento da graça.

No capítulo primeiro, a disciplina que atinge o profeta está cheia de ensinamentos. Ele reconhece — dolorosa verificação! — que ele, profeta de Deus, é a causa do juízo que atinge os seus companheiros e o seu navio (Jn 1:12). Aceita, como legítimo, o julgamento que o atinge a ele mesmo e anuncia que a sua expulsão virá a ter como resultado a salvação dos gentios. Como teria sido precioso ver essa humilhação dar os seus frutos na segunda parte da história do profeta! Contudo, infelizmente, isso não acontece.

Recebamos nós os bons ensinamentos de todas estas coisas e, sobretudo, não comecemos onde Jonas começou: Não evitemos a presença de Deus; não fujamos da Sua face; andemos na luz; digamos-Lhe: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração” (Sl 139:23). Evitaremos assim mais de um castigo doloroso. Deus não nos envia ao mundo como profetas, mas confia nos uma missão como servos. Não cumpri la fielmente seria fazer como Jonas: Voltar as costas a Deus!

---

1 Veja as notas no final do livro.

JONAS E AS NAÇÕES

O estado das nações é representado por Nínive, que ê como que a imagem da condição moral dos gentios aos olhos de Deus. “Levanta-te” — diz o SENHOR a Jonas, “vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até à minha presença” (Jn 1:2). A maldade, a ausência completa do bem — eras isso que os caracterizava aos olhos de Deus. A Sua paciência tinha suportado por longo tempo essa maldade, e essa aproveitou-se da oportunidade para se desenvolver até aos seus extremos limites. Por isso não restava mais a Nínive do que o julgamento, a não ser que houvesse da parte de Deus algum recurso ou algum meio de salvação. Quem porém, poderia anunciá-lo? O profeta Jonas, tipo aqui do povo de Israel, estava sob o mesmo juízo. Tinha-se mostrado desobediente e rebelde a Deus, e não podia esperar da Sua parte senão a condenação. Um outro profeta, Isaías, tipo de um remanescente fiel em Israel, encontrou-se mais tarde perante Deus e não procurou evitar a Sua presença (Is 6). Antes de ser enviado, reconheceu a sua mácula e foi purificado dela por uma brasa viva, que tinha consumido o holocausto. O SENHOR disse então: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” E o profeta responde: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6:8). Deus envia-o para Israel, para lhe anunciar o juízo, que vai atingi-lo, e a graça que poupará um pequeno remanescente. Jonas, longe de se encontrar perante Deus, evita a Sua presença, para não ser enviado às nações. Ora, são precisamente elas que Deus quer poupar, e Jonas sabia isso muito bem.

Os marinheiros *são tipos de todas as nações*, embarcados num navio que cada vez mais as afasta de Deus. “*Clamavam cada um ao seu deus*” (Jn 1:5), mas, perante a tempestade que ameaça tragá-los, eles aprendem o que valem esses ídolos mudos, que não lhes respondem. Talvez o Deus de Jonas se lembre deles, para que não pereçam? (Jn 1:6). Mas qual é a causa da sua aflição? A ignorância do seu próprio estado leva-os a atribuírem esta desgraça a outrem, talvez a algum de entre eles: “Vinde, e *lancemos sortes*, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas” (Jn 1:7). Não conhecendo Deus, apelam a um poder desconhecido deles — a sorte — para serem

informados. Vê-se aqui a ignorância do coração natural do homem, sem conhecimento de *si mesmo*, sem conhecimento de Deus. Os dois grandes temas, nos quais se resume toda a revelação, são-lhes desconhecidos. São cegos, mas Deus, na Sua graça, responde-lhes colocando-Se ao nível da sua inteligência: a sorte fala e designa Jonas. Jonas, apesar do julgamento que o espera, apesar da sua fuga, para longe de Deus, que ele lhes tinha declarado anteriormente (Jn 1:9), rende testemunho ao caráter de Deus, segundo o que a sua inteligência obscurecida podia discernir: “Eu sou hebreu, e temo ao SENHOR, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca” (Jn 1:9). O testemunho da fé de Israel em um só Deus Criador, recorda às nações o que Deus lhes tinha revelado por Suas obras, de maneira a torná-los indesculpáveis (Rm 1:20). A pregação de Paulo aos atenienses (At 17) não tem outro caráter.

Aqueles pobres gentios ignorantes pronunciam três frases:

1. “Declara-nos tu agora, por causa de quem nos sobreveio este mal” (Jn 1:8). Deus respondeu pelas sortes, mas empregando aí Israel, objeto do Seu juízo, para trazer a luz ás nações, porque, como está escrito: “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22).
2. “Por que fizeste tu isso?” Jonas tinha já respondido antes, de maneira que esses gentios não podiam equivocar-se acerca disso: “…fugia da presença do SENHOR, porque ele lho tinha declarado” (Jn 1:10). Assim são eles que repreendem o profeta: Você diz que conhece e *teme* a Deus e não tem medo de Lhe desobedecer?! Quantas vezes os judeus, para vergonha sua, se encontraram sob a crítica severa das nações — tal como os cristãos de hoje, sob a crítica do mundo!
3. “Que te faremos nós?” (Jn 1:11). A confiança na palavra de Deus nasce em seus corações e, cm vez de se desviarem de Israel, servo infiel, compreendem que só o Seu representante os pode informar acerca da vontade de Deus. Jonas reconhece que a sua infidelidade é a causa das dispensações de Deus para com as nações. Ele diz: “*Eu sei*” — verdadeira expressão de um coração que conhece a Deus — “que *por minha causa*

vos sobreveio esta grande tempestade" (Jn 1:12). "Levantai-me, e lançai-me ao mar". Assim, a rejeição de Israel é a reconciliação do mundo (Rm 11:15).

Aqueles homens hesitaram em executar a ordem do profeta e esgotam todos os meios ao seu alcance antes de lhe obedecerem, mas não podem ser bem sucedidos, porque "o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles" (Jn 1:13). Para que eles sejam salvos é necessária uma *vítima*, senão o juízo os atingirá. Veremos mais tarde quem é essa verdadeira vítima, mas o que nos interessa agora é Jonas, como tipo ou figura do Israel rejeitado. Havendo-se executado o juízo, o barco dos gentios pode doravante continuar seu rumo. Israel rejeitado abriu a porta à bênção dos nações. Essa cena é uma imagem *para o tempo atual*, um exemplo antecipado da salvação de indivíduos fazendo parte de todos os povos idólatras que "clamavam cada um a seu deus" (Jn 1:5), segundo está escrito: "e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação" (Ap 5:9).

A iminência do perigo fá-los clamar ao SENHOR, porque é sempre por aí que começam as nossas relações com Deus. Mas a revelação de um sacrifício, do qual eles são responsáveis, que pode afastar para sempre o juízo, repugna ao seu coração natural. Prefeririam muito mais remar para alcançarem a terra! Por outro lado, eles não podem ignorar que, lançando o servo de Deus às ondas, recai sobre eles "sangue inocente" (Jn 1:14). São, portanto, culpados, mas Deus ensina-lhes que, apesar de sua participação no sacrifício, este último é para eles o único meio de salvação. Notemos agora a mudança moral que se produz nos tripulantes do envio: "Temeram, pois, estes homens ao SENHOR com grande temor; e ofereceram sacrifício ao SENHOR, e fizeram votos" (Jn 1:16).

O seu primeiro passo no caminho da sabedoria é o de temerem muito a Deus. Tomam em seguida perante Ele uma atitude de adoradores, oferecendo-Lhe um sacrifício. Depois "fazem votos". Um voto é a livre devoção a Deus, para O servir sem restrições (Dt 23:21; Lv 7:16). Encontramos, pois, aqui todo um conjunto de homens salvos, conduzidos a Deus, transformados em testemunhas

da Sua graça, adoradores e servidores que Lhe são consagrados. Naquele barco das nações encontram-se doravante pessoas salvas, enquanto que Jonas, representando Israel, é submergido nas profundezas do mar dos povos.

O primeiro capítulo deste livro mostra-nos como a obediência da fé se tornou hoje a parte das nações; o terceiro capítulo atrai os nossos olhares para um tempo *futuro*. O julgamento é anunciado a Nínive, a "grande cidade", representando, como capital, o conjunto dos povos. A Escritura diz-nos que "os homens de Nínive creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, desde o maior até ao menor" (Jn 3:5). Notemos que se trata aqui de um jejum *nacional*. Não se poderá dizer que não seja real, porque é baseado sobre a *fé* na Palavra de Deus, mas, entre os habitantes de Nínive, essa fé "não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração" (Mt 13:21).

Apesar disso, um arrependimento exterior, baseado no te mor do juízo, afasta-o por algum tempo. Dois séculos mais tarde a sorte de Nínive torna-se definitiva e a cidade é inteiramente destruída. Sucederá o mesmo quando se estabelecer o reino milenar de Cristo. Colocadas em presença dos seus julgamentos, as nações submeter-se-ão a Ele e reconhecerão o Deus de Israel (Sl 18:44), mas quando, depois de mil anos desse reinado glorioso, Satanás for solto e puder de novo seduzir as nações, elas sofrerão então o juízo final.

Esse arrependimento de Nínive leva os nossos pensamentos para os sérios dias que atravessamos. A mão de Deus paira ameaçadora sobre os povos. Parece que a Sua voz se faz ouvir, dizendo: "Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida" (Jn 3:4). Não deveriam as nações, como tais, arrepender-se e "proclamar um jejum"? Imperadores e reis, grandes e pequenos, não deveriam eles *clamar "fortemente a Deus, e converter-se, cada um do seu mau caminho, e da violência que há nas suas mãos*" (Jn 3:8)? "Quem sabe se se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?" (Jn 3:9). Deus pode arrepender-se e mudar a direção dos Seus caminhos para com os homens, quando eles mudam os seus próprios caminhos e se

afastam deles. Pudessem essas palavras, como outrora as de Jonas, encontrar eco no coração dos povos!

JONAS E O POVO DE ISRAEL

Temos visto que Jonas, apesar da sua fé e do seu caráter de profeta, encarna em si o espírito do povo do qual faz parte, espírito de desobediência, de independência de Deus, de orgulho espiritual e de justiça própria, que Deus constantemente assinala pelos Seus profetas. E não se trata aqui de idolatria, aliás tão frequentemente anatematizada, porque havia muito tempo que esse povo a tinha deixado, mesmo antes de, pela rejeição do Cristo, ter sido disperso entre as nações. Ora, é precisamente desse tempo que o livro de Jonas nos fala, embora em figura. Verificamos esse fato no momento em que a história de Israel vai terminar. O povo persiste nos seus caminhos de independência e de vontade própria, sem se ter realmente arrependido das "falsas vaidades" (Jn 2:8), que o tinham caracterizado por longo tempo. A casa estava vazia, varrida e ornamentada (veja Mt 12:44). O estado desse povo, que o demônio da idolatria já não assediava, estava particularmente marcado nos tempos dos derradeiros profetas e durante a vida do SENHOR na terra por ser uma geração incrédula e perversa, sepulcros branqueados por fora e cheios de corrupção por dentro, uma raça hipócrita, mas vaidosa da sua própria justiça, orgulhosa e vangloriando-se de ter por pai a Abraão, fugindo da luz e evitando o testemunho de Deus, hostil à verdade e rebelde à graça. A fidelidade estrita às normas da Lei, normas exteriores às quais, de resto, juntaram ainda as suas tradições que invalidavam o mandamento de Deus — eis o que revestia todas as suas aparências de piedade (veja Mc 7:9). Os chefes empregavam todos os seus esforços para conservarem a sua dignidade, a sua reputação, a sua influência sobre o povo. Contudo, o que mais os caracterizava, era o ódio à graça, que lhes trazia à memória a verdade acerca do seu próprio estado espiritual: Se estavam condenados — consideravam eles — não havia, pois, diferença alguma entre eles e os outros homens; a graça abria a porta da salvação a todo o pobre pecador de entre as nações — e isso é que eles não podiam suportar! Jonas, embora fosse um homem de Deus, oferece-nos mais de um aspecto desse quadro. Chegou um momento que, pela rejeição do Salvador e do Espírito Santo, a condenação definitiva dos judeus foi pronunciada: "Transportar-vos-

ei, pois, para além da Babilônia" (At 7:43). Israel é então lançado no mar dos povos, onde é retido até ao dia da sua ressurreição nacional.

Portanto, ele renascerá como nação! Porém, vamos ao capítulo 3, no segundo período da sua história: O seu coração, porventura, havia mudado? De modo nenhum! Embora retorne, exteriormente, mesmo sob o poder do anticristo, às formas antigas do seu culto (Dn 9:27), o seu estado moral é caracterizado pela irritação contra Deus. Ele *irrita-se ao ponto de desejar a morte* e acha que faz bem (veja Jn 4:8 9). Aqui o livro cala-se acerca do fim da sua história. É como se esse *povo revoltado* regressasse ao nada, de onde saíra! Observemos nós também esse solene silêncio a seu respeito.

A rejeição de Israel, em relação com a profecia de Jonas, nos é anunciada pelo SENHOR de uma maneira muito assombrosa. No Evangelho segundo Mateus, capítulo 12, Jesus fala de Jonas como sendo um sinal da Sua morte e da Sua ressurreição. Consideraremos mais à frente esse assunto, mas notemos desde já que no capítulo 16 do mesmo evangelho, o SENHOR volta a fazer-lhe referência e, sem dúvida, com intenção bem distinta: Os fariseus e os saduceus pediram-lhe de novo um sinal. Jesus fala-lhes dos sinais do céu, do bom tempo e da tempestade — imagens da graça e do juízo —, que eles sabiam discernir bem, enquanto que não podiam discernir "os sinais dos tempos". O julgamento estava à porta e eles não se apercebiam disso: "nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas" (Mt 16:4). Israel ia ser definitivamente lançado ao mar, abandonado, para dar lugar aos caminhos da graça de Deus para com todos os povos. Por isso o evangelista acrescenta: "*E, deixando-os, retirou-se*".

O *verdadeiro Israel*, porém, ressuscitará e virá a ser, como vamos ver, o Enviado e a Testemunha de Deus, para conduzir ao arrependimento a grande multidão das nações.

JONAS E O REMANESCENTE

A finalidade principal do livro de Jonas ressalta, parece-nos, do capítulo 2, que nós intencionalmente temos omitido até aqui. Temos visto que a pessoa de Jonas nos apresenta os caracteres que teriam possuído os testemunhos de Deus, e, por conseguinte, o profeta judeu, como testemunha. Enfim, que essa mesma pessoa ilustra também, para nós, a história do povo que, apesar de tudo, tem sido e será ainda a testemunha de Deus perante as nações. Dizemos "*será*", porque se o povo, como conjunto, foi rejeitado definitivamente quando a paciência de Deus se esgotou, dali sairá, mais tarde, um remanescente, núcleo de um futuro povo, carregado, como toda a sua raça, com *a culpa do sangue*, quer dizer, da responsabilidade da morte do Messias, e disso sofrendo as consequências por ocasião da *grande tribulação* do fim. Mas a angústia de então produzirá no coração desses fiéis um sincero arrependimento, para salvação. Não procurarão separar a sua responsabilidade da do povo a que pertencem; reconhecerão que o seu castigo é merecido, que a tempestade que vai crescendo sempre é a justa retribuição da sua perversidade e que devem ser suprimidos da terra dos viventes, por terem crucificado o Filho de Deus! Mas, tragados pelo grande peixe, descobrirão, no infortúnio, que o seu Messias atravessou as mesmas angústias, e que Deus Lhe respondeu! Essa convicção dará uma grande segurança a esses fiéis, de modo que clamarão a Deus com a certeza de serem ouvidos por Ele.

As suas experiências são-nos descritas no capítulo 2 do nosso profeta. A *oração de Jonas* contém dois temas: o primeiro indica as experiências do remanescente fiel, do verdadeiro Israel, no dia da angústia (Jn 2:3), da qual é salvo. O segundo indica os sofrimentos e a morte de Cristo — tema este que constituirá o assunto de outro capítulo.

Quanto ao primeiro tema, supomos que os nossos leitores estão suficientemente familiarizados com o Antigo Testamento, para saberem que os Profetas e os Salmos nos falam constantemente do remanescente judeu crente do fim e das tribulações que ele suporta. A oração de Jonas é uma prova em apoio dessa verdade. Os oito versículos reproduzem tão numerosas passagens dos salmos e do

profeta Isaías que, citá-las todas, seria sobrecarregar inutilmente o nosso texto. Cada leitor, munido de uma boa concordância bíblica, poderá, por si próprio, formar a lista delas. Limitar-nos-emos, pois, à citação de algumas passagens mais essenciais.

"*E orou Jonas ao SENHOR, seu Deus, das entranhas do peixe. E disse: Na minha angústia clamei ao SENHOR, e ele me respondeu; do ventre da sepultura gritei, e tu ouviste a minha voz*" (Jn 2:1-2).

E de notar que o *clamor* de Jonas não vem aqui senão depois do clamor dos gentios. E assim será, com efeito. Hoje o navio dos nações, contendo os que, pela fé, se tornaram adoradores do verdadeiro Deus, continua o seu curso, e aqueles que nele seguem obtiveram a salvação depois de terem "*clamado* ao SENHOR" (Jn 1:14). Israel, pelo contrário, está submerso no mar dos povos; mas, do seio desse abismo, do fundo da sua angústia, do meio dessa grande tribulação, que pesará, em primeiro lugar, sobre os fiéis do antigo povo de Deus, um remanescente se erguerá e clamará também ao seu Deus, que tanto ofendeu!

Esse versículo reveste-se da forma habitual dos salmos. É um recreio de todo o conteúdo da oração e indica desde logo o resultado, enquanto que os versículos seguintes descrevem por que caminho esse resultado será obtido. Atirado ao fundo do abismo, tragado pelo grande peixe preparado por Deus como instrumento de sua preservação, o fiel ora e clama. E com que alegria ele verifica que a resposta à sua prece chegou! O salmo 120, que serve de prefácio à pequena compilação dos Cânticos de Degraus, fala exatamente nos mesmos termos. Trata-se, neste salmo, do remanescente expulso de novo do seu país pela perseguição, depois de ali ter entrado em companhia da nação incrédula: É o dia da *aflição de Jacó* (veja Ap 12:13-16). Então ele diz: "Na minha angústia clamei ao SENHOR, e me ouviu" (Sl 120:1). "E clamaram ao SENHOR na sua angústia, e os livrou das suas dificuldades" é-nos dito repetidas vezes no Salmo 107, que, por sua vez, serve de prefácio ao quinto livro dos salmos, onde se encontram os Cânticos de Degraus. "Ele respondeu-me" — é o resumo de todas as experiências dos fiéis: uma completa libertação. E o mesmo sucede no salmo 130: "Das profundezas a ti clamo, ó SENHOR!". Esse Salmo descreve-nos os solenes exercícios de consciência do

remanescente, e os resultados eternamente benditos da sua libertação (veja também os salmos 18:6 e 86:7). “Do ventre da sepultura gritei, e tu ouviste a minha voz” (Jn 2:2).

Depois do resumo de que acabamos de falar, a oração de Jonas retoma a sequência das experiências que suscitaram essa resposta de Deus. Primeiramente, o fiel clama do seio do abismo e *Deus ouve*. A resposta efetiva ao seu clamor não veio ainda, mas ele tem a consoladora certeza de que a oração da fé chegou aos ouvidos do SENHOR. A oração de Ezequias (Is 38:10) tem muito em comum com a de Jonas, somente ali a angústia é menor: Ezequias *desce* ao abismo e Jonas *está lá*. David, no salmo 30:3 *sai dele* (veja ainda o Sl 18:4-5). “Porque tu me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado por cima de mim” (Jn 2:3).

Encontra-se exatamente a mesma expressão no salmo 42:7. Todo o leitor um pouco familiarizado com as Sagradas Escrituras, sabe que o segundo livro dos salmos (salmos 22 a 72) descreve os sentimentos e as experiências do remanescente de Judá disperso entre as nações durante a grande tribulação. Ora, são precisamente essas experiências que nos apresenta a oração de Jonas.

“*E eu disse: Lançado estou de diante dos teus olhos; todavia, tornarei a ver o teu santo templo*” (Jn 2:4).

Voltamos a encontrar aqui a oração de Ezequias (Is 37:10-11); as numerosas passagens do segundo livro dos salmos (salmos 43:2; 44:9 e 60:1 e 10), e ainda outras passagens mais como os salmos 74:1, 77:7, 31:22 ou Lamentações de Jeremias 5:22. A consciência de ser rejeitado não destrói a certeza da fé entre o remanescente na angústia. Expulso de Jerusalém, não cessa de olhar para o templo, como Daniel fazia em frente das janelas abertas para o lado de Jerusalém (Dn 6:10. Veja também Sl 42:4; 43:3-4; 18:6; e Hc 2:20). Os santos de hoje, que podem aplicar a si próprios essa passagem quando estão em aflição, sabem que esse templo é, para eles, a *casa do Pai*, nos céus.

“*As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça*” (Jn 2:5).

A alma faz, na aflição, a experiência daquilo que é o juízo de Deus por causa do pecado. No segundo livro dos Salmos, de que

temos falado, essa posição terrível está pintada em traços indeléveis: “Um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas cachoeiras; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado sobre mim” (Sl 42:7). O salmo 69 descreve a grandeza dessa angústia. Entrar no lodo profundo do pecado tem como consequência o juízo: a profundeza das águas que traga e a corrente que submerge, ao mesmo tempo que se abre um abismo sem fundo (Sl 69:2 e 15). Veremos mais à frente que o fiel encontra Cristo no abismo, esse Jesus que ali desceu por ele. Nós também, cristãos, temos feito a mesma experiência, mas sem sermos obrigados, como o remanescente, a conhecermos o abismo, a não ser na nossa consciência.

“*Eu desci até aos fundamentos dos montes; a terra me encerrou para sempre com os seus ferrolhos; mas tu fizeste subir a minha vida da perdição, ó SENHOR meu Deus*” (Jn 2:6).

A angústia chega aos seus últimos limites; o aflito não pode descer mais baixo. É a morte em todo o seu horror. As portas que fecham o acesso à terra dos viventes são fechadas para sempre. Estas mesmas experiências se reencontram no cântico de Ezequias (Is 38:10-11), e também a mesma resposta de Deus: “…mas a ti agradou livrar a minha alma da cova da corrupção; porque lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados … O SENHOR veio salvar me” (Is 38:17 e 20). É pela ressurreição de Cristo que todos os nossos pecados são deixados no abismo onde nunca mais serão encontrados.

“*Quando desfalecia em mim a minha alma, lembrei me do SENHOR; e entrou a ti a minha oração, no teu santo templo*” (Jn 2:7).

No momento da suprema angústia e da agonia, o fiel lembra-se do SENHOR, e a sua oração não é já somente *ouvida*, mas também *recebida* no lugar onde Deus habita.

“*Os que observam as falsas vaidades deixam a sua misericórdia*” (Jn 2:8).

Aqui vem a reprovação pronunciada contra o povo apóstata, novamente invadido pelo demônio da idolatria (Mt 12:43-45), e que, por vaidades ou ídolos mentirosos, abandona a graça colocada perante ele. Mais vale estar mergulhado na angústia, mas com uma esperança, do que compartilhar a sorte dos que têm o anticristo

como amo. No salmo 31 vemos a diferença entre os que adoram ídolos vãos (veja Sl 31:6), e aqueles que confiam no SENHOR, cuja graça é o seu único recurso.

"*Mas eu te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento; o que votei pagarei. Do SENHOR vem a salvação*" (Jn 2:9).

Aqui o fiel remanescente chega ao mesmo culto que os gentios tinham encontrado no tempo da sua infidelidade. É esse culto que os cristãos rendem agora. Somente no porvir profético as nações sacrificarão, sob o reinado do Messias, ao SENHOR, o Deus de Israel, e subirão a Jerusalém para O adorarem, em companhia do Seu povo (Sl 115:14-15; 22:25). Haverá então para Israel, assim como para os gentios (Jn 1:16) "votos", o serviço do SENHOR, livre e sem restrição, de um "povo de boa vontade" (Sl 56: 12; 61:8; 66:13; 76:11; Dt 23:21).

A última frase desta oração profética é: "Do SENHOR vem a salvação". Ela está lá. Só Ele a operou. Ela é unicamente o fruto da Sua graça (Is 38:20; 52:10). Nos últimos dias, Israel encontrará essa grande verdade, que faz hoje a alegria, a segurança de todos os crentes, e sobre a qual a sua certeza está para sempre fundada. Como se produzirá essa libertação? É o que vamos ver no próximo capítulo.

JONAS FIGURA DE CRISTO

A pessoa de Jonas representa *o Cristo* sob dois aspectos diferentes: a) *a morte e a ressurreição de Cristo, para cumprir a obra da redenção*, descrita nos evangelhos segundo Mateus e Lucas, e b) como *sofrendo ele mesmo a ira de Deus*.

Ocupando nos com o primeiro aspecto, vemos no evangelho segundo Mateus, os escribas e os fariseus, que acabavam de acusar o Senhor de “não expulsar os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios” (Mt 12:24), pedir-Lhe um sinal da (veja Mt 12:38), ou seja, um milagre que pudesse acreditá Lo aos olhos deles! Pedir a Jesus o que O acreditasse, quando toda a Sua vida e os milagres de bondade que Ele operava a cada passo proclamavam, de forma incontestável, que Ele era *Emanuel*, o que quer dizer *Deus Conosco*! Essa geração má e adúltera poderia ainda ser convencida por meio de um sinal?! Por isso o Senhor lhes responde: “Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará sinal, senão o sinal do profeta Jonas; pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no coração da terra” (Mt 12:39-40). Tipo maravilhoso, dado na pessoa de Jonas, dos sofrimentos de Cristo, cerca de 900 anos antes da Sua vinda! Com efeito, os Seus sofrimentos e a Sua morte são o principal assunto da profecia.

Contudo, a permanência de Cristo no sepulcro era também o sinal de que era agora demasiado tarde para o povo. Demonstrava que não havia mais possibilidades para ele de receber o Profeta, o Enviado, o Filho do homem, o Filho de Deus, como seu Rei. A partir dali, todas as antigas relações de Deus com o Seu povo estavam interrompidas e, para serem reatadas, não poderiam ser baseadas senão na sua rejeição, e nunca mais na sua apresentação ao Seu povo como Messias e como Rei. Cristo veio tomar, em amor, o lugar de Israel, rejeitado por causa da sua desobediência, afim de que este último, em virtude da expiação consumada na Cruz do Calvário, pudesse reencontrar o seu lugar no Reino. Para nós, cristãos, Ele tomou o nosso lugar, como pecadores sob o juízo, afim de que os céus nos pudessem ser abertos.

A essas palavras Jesus acrescenta: “Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é maior do que Jonas” (Mt 12:41). Os gentios, tão desprezados pelos judeus, eram muito menos culpados do que este povo. Nínive tinha-se arrependido sem nenhum sinal, e pela simples pregação de um profeta acerca do julgamento ou juízo que os esperava. Porventura se tinha arrependido Jerusalém com a pregação de Um maior que Jonas, que era não somente o profeta da graça, obedecendo a vontade de Deus, mas o próprio Filho de Deus? Por isso, esses homens gentios serão, no dia do juízo, as angustiantes testemunhas da justa condenação de Israel, que rejeitou Deus na pessoa de Cristo, vindo em graça.

Em Lucas 11:29-32, o Senhor é ainda mais explícito. Depois de ter dito, no versículo 29, que não seria dado a essa geração má outro sinal senão o de Jonas, Jesus acrescenta, no versículo 30: “Porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem o será também para esta geração”. Aqui o Senhor compara esta geração judia, culpada, aos ninivitas, um povo pagão!

Jonas, morto e ressuscitado em figura, era não apenas um pregador, mas também um *sinal* para os ninivitas — sinal que o acreditava junto deles. Com efeito, não se trata, nessa passagem, da pregação, mas da *pessoa* de Jonas. Um Cristo morto e ressuscitado, recebido agora entre as nações como Salvador, e do qual Jonas é o tipo, condena doravante Israel. Este povo era culpado da Sua morte, e ressuscitando-O, Deus declarava a Sua plena satisfação acerca da obra do Seu amado Filho, ao qual Israel tinha rejeitado — o que o condenava sem remissão. Por isso o Senhor acrescenta, no versículo 32: “Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; pois se converteram com a pregação de Jonas; e eis aqui está quem é maior do que Jonas”. De fato, os ninivitas tinham-se arrependido *sem nenhum sinal especial*, enquanto que os judeus pediam um sinal! A simples *pregação* de Jonas os tinha levado ao arrependimento! A sua palavra tinha bastado para produzir esse resultado. Que tinham eles feito, eles, judeus, da pregação de Cristo? E, no entanto, que extraordinária diferença havia entre estes

dois testemunhos! Jonas vinha anunciar o julgamento e a destruição de Nínive; Cristo vinha anunciar a graça e a salvação ao Seu povo culpado! Quão profundo era, pois, o endurecimento do coração de Israel, para ter rejeitado uma tal mensagem!

Tal é o tipo de Jonas, no Novo Testamento: Jonas rejeitado, Jonas passando três dias e três noites no ventre do peixe, Jonas ressuscitado — Cristo rejeitado, Cristo passando três dias e três noites no coração da terra, Cristo ressuscitado! Assim o Senhor é apresentado hoje para salvação a todos os homens!

O livro de Jonas mostra-nos, de resto, mais do que qualquer outro livro profético, que a profecia não pode ser interpretada à luz de acontecimentos históricos — um dos numerosos erros da teologia moderna — e que só Cristo é o seu alvo final e única solução.

Cristo é-nos também apresentado neste livro sob um segundo aspecto. Jonas é ali um tipo de Cristo, sofrendo ele mesmo a ira de Deus e dela sendo livrado afim de que os fiéis do fim (o remanescente de Israel), atravessando a grande tribulação, ali encontrem o ânimo e o conforto do que carecerão para a suportarem. Essa verdade importante está resumida numa passagem de Isaías: “Ele se fez o seu Salvador. Em toda a angústia deles ele foi angustiado, e o anjo da sua presença os salvou” (Is 63:8-9). E assim que o remanescente de Judá, culpado da rejeição do Messias, passando, em virtude desse pecado, pelo crisol da angústia, e encontrando-se ele próprio rejeitado segundo Mateus 16:4, encontrará, quando for submerso nas águas profundas, que um outro, seu Salvador e seu Redentor, ali esteve também antes dele e por amor dele, e delas foi libertado. Que bendita segurança uma tal descoberta dará então à sua alma, não é?! Com efeito, na dura prova do Getsêmani, Ele pôde dizer: “No dia da minha angústia, inclina para mim os teus ouvidos” (Sl 102:2), e “tenho misturado com lágrimas a minha bebida, por causa da tua ira e da tua indignação, pois tu me levantaste e me arremessaste” (Sl 102:9-10). Ele próprio disse também: “Livra-me, ó Deus, pois as águas entraram até à minha alma” (Sl 69:1). Ele próprio, Ele, Jesus “nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto

ao que temia" (Hb 5:7). Vemos nessas passagens e em muitas outras Cristo no Getsêmani, atravessando o dia da "angústia" (Sl 102:2), e as angústias do juízo merecido pelo Seu povo. Simpatizava com ele, realizando na sua alma o que é a ira de Deus contra o Israel culpado. É considerando isso que os fiéis do remanescente do fim serão animados na sua piedade, na sua confiança em Deus, na certeza da sua salvação final, e que poderão dizer: "Até quando, SENHOR?", certos de que um dia eles serão favoravelmente recebidos. Na profundidade das águas e compartilhando a sua angústia, aprenderão a conhecer Cristo e saberão que Ele saiu ressuscitado do grande abismo, afim de que eles reencontrem a bênção sobre "a terra dos viventes".

Esta salvação que nós, cristãos, possuímos hoje, nos abriu o céu. A salvação de Israel, nos últimos dias, abrir-lhe-á a terra renovada sob o reinado do Rei da Paz, de maneira que esse povo poderá dizer, com a mesma segurança que nós dizemos hoje: "Do SENHOR vem a Salvação".

DEUS NO LIVRO DE JONAS

Deus Se manifesta no livro de Jonas sob dois aspectos.

Primeiro, quando Ele envia a tempestade como um juízo sobre o Seu profeta infiel e sobre os gentios, Ele tem um propósito de graça para com esses últimos. Eles eram, até ali, completamente indiferentes e sem conhecimento do verdadeiro Deus, mas o SENHOR conduz os marinheiros às portas da morte, para os obrigar a clamar a Deus — ao Deus único e verdadeiro (Jn 1:4; compare Sl 107:23-32). Então Ele Se revela como o *Deus Salvador para esses gentios*, um Deus que sacrifica o Seu profeta em favor deles. *É preciso* que o servo de Deus seja entregue à morte para que algumas almas, alheias a Deus, aprendam a conhecê-Lo e sejam levadas a servi-Lo. Mas Deus é também um *Deus Salvador para o Seu povo*. Ele não pode suportar a desobediência e é forçoso punir as transgressões, porque Ele não pode abandonar a Sua justiça nem a Sua santidade; mas o ventre do peixe que tragou Jonas esconde, por assim dizer, um outro Jonas obediente e fiel, que sofre sem culpa, mas que ressuscita, afim de que, para Israel, "a salvação seja do SENHOR".

O segundo aspecto por que Deus se manifesta neste livro é: "*Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós*" (Ef 4:6). Ele é o Deus Criador e Conservador de todos os homens e de toda a criação. Ele dirige os elementos, os ventos e o mar conforme a Sua vontade; prepara um grande peixe, um *kikayon*[1], um verme, um vento do oriente, para cumprir os seus desígnios. A Sua providência vela por tudo; a Sua bondade infinita está cm toda a parte. A este "Deus do céu, que fez o mar e a terra seca" (Jn 1:9), os gentios adorarão finalmente, quando eles reconhecerem o "Pai de todos" no Deus que, "sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um" (1 Pe 1:17). O amor de Deus para com todas as Suas criaturas é universal, e os homens de hoje bem o querem reconhecê-lo, mas, infelizmente, só com a condição de que isso não os obrigue a arrependerem se dos seus pecados! Contudo, não foi esse o caso de Nínive. Quando esses gentios souberam que o Deus de paciência e de mansidão ia julgá-los, porque O tinham ofendido gravemente, foram levados ao

arrependimento. Deus não se revelou a Nínive como o SENHOR, o Deus de Israel, mas como *Deus* — *Elohim*, o Criador (Jn 3:5 e 8-10). Aquela cidade, cuja maldade tinha subido até Deus e que se prostrava perante os seus ídolos, arrependeu-se. O jejum foi proclamado, e não foi o Deus Salvador, mas sim o *Deus Criador* que teve isso em conta e que poupou Nínive por algum tempo.

A conversão das nações, nos últimos dias, pelo evangelho eterno, não terá outro caráter. O anjo que o há-de anunciar dirá em alta voz: “Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7). As nações arrepender-se-ão e serão poupadas durante mil anos, como Nínive o foi durante dois séculos.

Jonas tinha de aprender esta verdade elementar: O amor universal de Deus; a providência do “Pai de todos”. Ele, sob a Lei, conhecia o SENHOR, o Deus de Israel como um Deus misericordioso. Conhecia-O como um Deus Salvador, que o tinha livrado, mas o seu orgulho de judeu não podia admitir que o coração de Deus estivesse igualmente aberto para todas as Suas criaturas! O seu egoísmo levava-o a pensar que os cuidados de Deus deviam dirigir-se exclusivamente para a sua pessoa. Que Jonas fosse poupado — estava certo! Que a grande cidade fosse destruída — era necessário para salvaguardar a honra do profeta! Não é verdade que o nosso amor próprio nos leva, muitas vezes, a ignorar as verdades mais elementares no tocante ao caráter de Deus? Por isso a última lição desse livro é destinada ao profeta. A providência de Deus prepara um *kikayon*[2] para fazer sombra sobre a cabeça de Jonas e “livrá-lo do seu enfado”. Ele conta agora, cheio de alegria, com a proteção que lhe oferece uma planta, íntima criatura de Deus, em vez de olhar para Aquele que a preparou. Deus dá a planta por pasto a um verme, que também preparou. Assim, tudo se encadeia nos caminhos da providência: O Criador pensa em tudo, numa planta, num ver me, num Jonas (que humilhação para o profeta!), numa grande cidade com toda a sua população e o seu rei, nas pessoas incapazes de discernirem entre a mão direita e a mão esquerda, no gado numeroso que enchia os estábulos! Onde está, pois, o teu coração face ao Meu — diz o Pai de todos a Jonas? O teu egoísmo cega-te acerca do que Eu sou e te irritaste. É razoável

essa tua ira? Acaso Eu me irritei contra ti? O coração de Jonas é julgado, ou, pelo menos, convencido de egoísmo e de orgulho. O justo Jó teve de fazer uma experiência semelhante, cujos resultados a Palavra de Deus nos dá a conhecer. Quando Jó encontrou o Deus Criador, o Pai de todos, face a face, diz: “Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6). Mas Jonas, infelizmente, ao encontrá-Lo diz: “Faço bem que me revolte até à morte” (Jn 4:9). Tal é aqui a última palavra do profeta de Israel! Os marinheiros navegaram felizes e cheios de alegria pelo mar apaziguado; Nínive arrependida desfruta agora da sua libertação; os olhares do Pai de todos procuram as mais ignorantes das suas criaturas para as abençoar; e uma só fica de parte — ele, o depositário dos segredos de Deus, sombrio e irritado, porque, estando ocupado consigo mesmo, ignora o caráter e o coração do seu Deus!

Mas, já o dissemos, essa benevolência universal do Pai de todos não é nunca de indiferença para com o mal. Esse mesmo Pai “julga segundo a obra de cada um”. Ele julga os que se aventuram sobre o mar, confiados na proteção dos seus deuses, e também julga as Suas testemunhas que, num espírito de desobediência, se afastam dEle; julga uma nação cheia de maldade e de violência. Não poupa ninguém, afim de salvar todos os homens! E quando a vontade do homem, mais obstinada num Santo do que no mais miserável dos pecadores, persiste em se Lhe opor e em contradizê-Lo, Ele, o Pai de todos, não se irrita; usa de paciência — paciência de que não vemos nem o resultado nem o fim nesta história!

Assim passamos em revista nesse livro, tão especial entre todos os escritos proféticos, todo o conjunto da história do homem, desde o princípio até ao fim: A história da criatura caída, mas provida de uma vida nova; a da rejeição de Israel; a da graça concedida às nações; a de um remanescente preservado na angústia; a das nações do fim, recebendo o evangelho do Reino; e, coroando todo esse conjunto, o Cristo entregando-Se a Si próprio e ressuscitando de entre os mortos; o Deus Criador, no qual esperarão todas as nações; e o Deus Salvador, de Quem nos é dito: “Pouco é que sejas meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os preservados de Israel; também te dei para luz

dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra” (Is 49:6).

---

1 Veja as notas no final do livro.
2 Veja as notas no final do livro.

NOTAS EXPLICATIVAS

Para os leitores já familiarizados com as Sagradas Escrituras, estas breves notas podem parecer supérfluos; mas para os que iniciam agora os primeiros passos em tão glorioso terreno— o estudo da Palavra de Deus — são bastante úteis.

1. *Gentios ou nações*: Termos empregados aqui como sinônimos. Os judeus davam o nome de *gentios* a todos os povos que não faziam parte do povo de Israel. Tal como os antigos romanos davam o nome de *bárbaros* a todos quantos não fizessem parte do império greco-romano.
2. *Kikayon*: Nome de uma planta que aparece em lugares arenosos, perto do Mediterrâneo e do Mar Morto. Quando as condições climáticas lhe são favoráveis, nasce e cresce rapidamente, sendo, geralmente, de pouca duração. Algumas edições bíblicas traduzem o “kikayon” por “aboboreira”, outras traduzem-no por “cabaceira”, ainda outras por “rícino”. Também aparece como “trepadeira de Gilgal” (que é uma planta de fruto venenoso). Mais acertadamente, algumas edições o chamam simplesmente “uma planta”. Sucede que, sendo o “kikayon” planta exclusiva daquelas paragens, não temos termo adequado para tradução do seu nome indígena e por isso achamos preferível conservar-lho a induzir os nossos leitores a erros.
3. É costume considerarmos os Salmos como formando um livro único, mas, na realidade, o “Livro dos Salmos” é formado por *cinco livros*:

   Livro 1: Salmo 1 a 41
   Livro 2: Salmo 42 a 72
   Livro 3: Salmo 73 a 89
   Livro 4: Salmo 90 a 106
   Livro 5: Salmo 107 a 150.
4. Israel renascerá como nação! Esse estudo ainda foi escrito nos alvores do século XX, antes da libertação de Jerusalém do poder dos turcos pelo general Allenby (Novembro de 1917) e

antes da “declaração Balfour” que abriu a terra para os judeus muito tempo antes da formação do atual estado de Israel. O autor manifesta aqui uma certeza, que advém da fé que professa: Ele *sabia* que Israel havia de renascer como nação, porque assim no-lo assegura a Palavra de Deus — e a *Escritura*, divinamente inspirada, *não pode falhar*!

Bom seria se, crentes e não crentes, meditassem todos nesta grande verdade: A ESCRITURA DIVINAMENTE INSPIRADA, NÃO PODE FALHAR! (compare Jo 10:35).

As notas foram agregadas pelo tradutor.

Pedidos Brasil e África direto com a editora:
pedidos@boasemente.com.br
www.boasemente.com.br
Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 - São Paulo - SP
BRASIL
Pedidos Portugal e África:
www.ensino-biblico.org
Pedidos outras partes do mundo:
www.gbv-dillenburg.de
Pedidos em Moçambique:
Bíblias & Livros Cristãos
Av. de Namaacha - loja 4 (Prédio Rio)
Matola - Rio Maputo
celular: +258 849 576 299 - falar com Ismael
e-mail: jesussalvador.dospecadores@hotmail.com



Estudos SOBRE O LIVRO DE JONAS

Henri Rossier

O livro de Jonas é muito mais que somente uma história interessante para contar às crianças. É a Palavra de Deus, e o profeta conta um episódio de sua própria vida. Ainda assim não se trata de um livro histórico, mas sim profético, onde a profecia está sendo apresentada na própria pessoa do profeta.

A mensagem do profeta Jonas é viva e atual. Aprendemos como Deus é misericordioso e cheio de graça, ainda que, por vezes, Ele tenha que nos levar por caminhos dolorosos para alcançar o Seu objetivo conosco, que muitas vezes somos obstinados e egoístas. Contudo, Deus age em graça, quando verifica verdadeiro arrependimento e volta à Ele. Portanto, embora esse livro tenha sido escrito há mais ou menos 2800 anos, a história não é ultrapassada e fala a nós em nosso dia a dia.

Por outro lado, o episódio da vida do profeta contado no livro que porta o seu nome, também é uma apresentação da história de Israel, e o "sinal do profeta Jonas" (Lucas 11:29) aponta até mesmo para o próprio Cristo.

Por todas essas razões, o livro do profeta Jonas merece a nossa total atenção e um estudo mais aprofundado. O autor consegue prender a atenção do leitor piedoso e apresenta essas verdades em palavras compreensíveis e sucintas.

Você vai se surpreender com o conteúdo desse pequeno livro bíblico que vai muito além daquilo que costumamos ver nele.

depósito de literatura cristã

www.boasemente.com.br

ISBN 978-85-9579-005-6

9 788595 790056

Table of Contents

Introdução
Jonas uma testemunha
Jonas o profeta
Jonas e as nações
Jonas e o povo de Israel
Jonas e o remanescente
Jonas figura de Cristo
Deus no Livro de Jonas
Notas explicativas